

ANTROPOCÊNICA: DIGITAR UM TERRITÓRIO

Recebido: 2 de Agosto de 2023 / Aprovado: 27 de Outubro de 2023

https://doi.org/10.14195/2182-844X_9_1

M. Conceição Lopes

Arqueóloga

Resumo

A *villa* Romana de S. Cucufate é um dos exemplos melhor conservados de *villa* aulica.

Iniciada a ocupação romana em meados do Séc. I d. C, a *villa* evoluiu ao longo do tempo, com momento de reforma bem visíveis, como aquele do Século II d.C e o do século IV que lhe desenhou o perfil cujas ruínas hoje observamos. O sítio arqueológico foi intensamente escavado e de para com esse trabalho de recolha de dados primários para análise decorreu um intensivo programa de prospecção no espaço envolvente, em ordem a definir a rede de funcionamento de S. Cucufate, como estrutura agro-pastoril do período romano.

Publicados, de modo detalhado, os dados recolhidos e as interpretações alcançadas foram alguns materiais expostos em museu, na Casa do Arco, em Vila de Frades. O museu, parte integrante da narrativa que os dados forneceram, está ao abandono.

S. Cucufate, o santo mártir que foi cultuado nos edifícios da *villa*, teve direção mais feliz e está hoje recolhido na Igreja matriz de Vila de Frades, onde o culto nunca se apagou e parece cada vez mais atuante. Na capela de s. Brás, na mesma localidade, podem ser admiradas as pinturas murais que relatam o martírio do Santo.

As ruínas, cujas escavações se iniciaram há quatro décadas, estão , mais descuidadas que cuidadas, abertas aos diálogos que o presente nos desperta.

Palavras-chave: S. Cucufate; *fundus*; espacio-temporalidades; *villa*; paisagem

Resumée:

La *villa* romaine de S. Cucufate est l'un des exemples les mieux conservés de *villa* aulique.

Ayant entamé son occupation romaine au milieu du 1er siècle après J.-C., la *villa* a évolué au fil du temps, avec des moments de rénovation clairement visibles, comme celui du IIe siècle après J.-C. et celui du IVe siècle, qui lui ont donné le profil des ruines que l'on voit aujourd'hui.

Le site archéologique a fait l'objet de fouilles intensives et, parallèlement au travail de prélèvement des données primaires pour l'analyse, un programme intensif de prospection a eu lieu dans la zone environnante, afin de définir le réseau de fonctionnement dans lequel S. Cucufate était intégrée, en tant que structure agropastorale de l'époque romaine.

Les données rassemblées et les interprétations formulées ont fait l'objet d'une publication détaillée et une partie du matériel a été exposée dans un musée à la Casa do Arco de Vila de Frades. Le musée, qui fait partie intégrante du récit fourni par les données, est abandonné.

¹ Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP)

Ciência ID: DB1D-63E0-5C58

ORCID iD: 0000-0003-4489-8601

conlopes@ci.uc.pt

S. Cucufate, le saint martyr qui était vénéré dans les bâtiments de la *villa*, a connu un avenir plus heureux et se trouve aujourd'hui dans l'église paroissiale de Vila de Frades, où le culte ne s'est jamais éteint et semble même être de plus en plus actif. Dans la chapelle de Saint Brás, dans la même ville, on peut admirer les peintures murales représentant le martyr du saint.

Les ruines, dont les fouilles ont commencé il y a quatre décennies, plus négligées qu'entretenues, sont ouvertes aux dialogues que le présent nous propose.

Mots - clés: S. Cucufate; *fundus*; spatiotemporalités, *villa*; paysage

Em 9 de Outubro de 2022, realizou-se em S. Cucufate, a sessão especial de encerramento da mostra *TransAmazónias: Zonas Imaginárias*, integrada no primeiro encontro da série internacional de estudos e encontros transdisciplinares Antropocênica, que ocorreu em Lisboa, Évora e Vila de Frades (Vidigueira)

Este texto sintetiza o conteúdo da visita que guiámos aos participantes do encontro, quase todos com especialidades fora da Arqueologia. Porém, cada um, desde o seu ponto de visão, interessado em debater sobre as paisagens de memória e as ruínas.

O sítio arqueológico denominado *villa* romana de São Cucufate localiza-se na freguesia de Vila de Frades, concelho de Vidigueira, distrito de Beja.

Escavado entre 1997 e 2004, por uma equipa Luso-Francesa dirigida pelo Professor Jorge de Alarcão do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, e pelo Professor Robert Étienne e Doutora Françoise Mayet do Centre Pierre Paris (Université de Bordeaux III), a *villa* romana de S. Cucufate é, ainda hoje, em Portugal, a única *villa* escavada na totalidade e aquela que fez objecto de publicação monográfica e teve plano de valorização.

Casarões de S. Tiago era o nome pelo qual na região era conhecido local.

Abel Viana, em 1957, identificou as ruínas do “casarão” como sendo as de um mosteiro de S. Cucufate [VIANA, 1957, p.55] e as do templo levantado junto ao casarão como as de um templo

romano-visigótico semelhante ao de Milreu (Estói) [Viana, 1946, 12-13]. D. Fernando de Almeida, em 1970, foi quem primeiro identificou o sítio com uma *villa* romana, designando-a, contudo, como celtico-romana” e identificando o templo como um ninfeu (Almeida, 1970: 54).



Fig. 1 Casarões de S. Tiago/S. Cucufate 1989: a) antes de limpeza, b) durante limpeza; c) fim da campanha anual @Françoise Mayet 1979

Os trabalhos de arqueologia que a equipa Luso Francesa desenvolveu com apoio do município permitiram identificar vestígios artefactuais e os velhos casarões como os testemunhos das instalações de habitação, transformação e armazenamento de produtos relacionados com uma propriedade agro-pecuária, de tipo *villa* que foi evoluindo no local entre o início do séc. I d. C e a segunda metade do século V d. C., com três fases de remodelação muito evidentes, e onde em época medieval/moderna funcionou um mosteiro.

Um templo, associado ao terceiro momento de remodelação, cerca dos anos 360, foi separado da residência por um grande jardim com um tanque em frente e deverá associar-se a uma evolução dos cultos a divindades para pagãs desconhecidas para

os cultos do primitivo do cristianismo na Lusitânia [Alarcão, J.; Etienne, R.; Mayet, F. 1990, 127-130 e 259-268].

O termo *villa* não é absolutamente esclarecedor sobre o tipo de estabelecimento que qualifica e o grau importante de subjectividade de que se reveste tem sido aplicado de maneira indiscriminada aos sítios do campo da época romana.

Uma passagem pelos autores antigos que se referiram às *villae* deixa bem evidente a dificuldade e ambiguidade do termo *villa* como significante de um tipo próprio de instalação rural.

Para Tito Lívio (*Hist. Rom.*, II, 62-3) e Tácito (*Hist.* V, 23, 15; IV, 67, 7; *Ann.*, III, 46, 7), *villa* era



Fig. 2 Edifício residencial e templo

qualquer tipo de residência dispersa pelo campo. Varrão (R.r., II, 2; III, 5), que nos introduz numa pormenorizada discussão sobre o significado de um termo genérico com múltiplas acepções, dá-nos uma melhor caracterização deste tipo de estabelecimentos.

Contrariando a definição de Tito Lívio e Tácito, afirma que o facto de um edifício se situar fora da cidade não significa, necessariamente, que se trate de uma *villa* - nam quod extra urbem est aedificium nihilo magis ideo est *villa* (R.r III, 2). Seguidamente, acrescenta que, sem um fundus bem cultivado e de superfície importante, não existe *villa* - et quam villa non sit sine fundo magno, et eo polite cultura... (R.r III, 2).

Para Columela, a *villa* era composta por três partes: *pars urbana*, destinada à residência do proprietário, *pars rustica*, destinada a alojar os criados da lavoura e *pars frumentaria*, que era o conjunto dos edifícios destinados à transformação e reserva de produtos e recolha de animais (adega, celeiro, lagares, eira, estábulos, etc.). Na definição de Varrão, a *pars urbana* e a *pars rustica* de Columela são designadas por *villa urbana* e *villa rustica*, o que tem, em nosso entender, provocado alguns equívocos, pois tem servido para fundamentar diversas categorias tipológicas relacionadas com as *villae*.

Por *villa* deve entender-se um estabelecimento rural disperso à cabeça de um domínio.

É uma unidade de exploração agro-pastoril constituída por dois elementos indissociáveis: conjunto de edifícios habitacionais, de armazenamento, de

transformação e estábulos e uma propriedade fundiária, contínua ou descontínua, mutável ao longo do tempo e distinta de caso para caso, admitindo-se, por isso, a possibilidade de apresentarem bem distinguidas no terreno a *pars fructuaria* e a *pars rustica* ou de constituírem um bloco uno.

Admite-se ainda que, na sua génese, sejam edifícios relativamente pequenos que, com o tempo, se foram ampliando e tomando a forma da *villa* ideal e modelar.

A *villa* romana de S. Cucufate evoluiu de modestas instalações, construídos em pedra ligada por terra para um sumptuoso e luxuoso estabelecimento agro-pecuário levantado no final do século



Fig. 3 *Villa* romana: edifício residenciais, templo e tanques e campos agrícolas em redor

IV e, certamente, associado a um alargamento do *fundus*, é um exemplo característico deste tipo de unidades de exploração

Exploração agro-pastoril foi, portanto, a função que o sítio arqueológico de São Cucufate teve ao longo dos quase dois milénios de ocupação e uso. Entre os séculos I e IV os arqueólogos identificaram três períodos de profunda alteração na construção e uso.

O corpo modesto da instalação inicial, edificada em meados do séc. I d. C., foi totalmente transformado na segunda nos meados do séc. II, num processo de alteração e ampliação do edificado, a que terá correspondido uma assinalável vitalidade de produção agrícola.

Além de umas paredes de pedra granítica e um chão em tijoleira, nada mais resta da primeira morada dos proprietários de S. Cucufate.

Em meados do séc. II os proprietários de S. Cucufate procederam a uma revolução na arquitetura da pequena casa agrícola de pouco mais de 2000 m², transformando-a numa *villa* rustica de péristilo, cobrindo, com seus anexos rústicos e frumentários mais de 15.000m².

Reconhecem-se do conjunto de instalações desta *villa* no séc. II o *triclinium*, pavimentado de formigão róseo, e algumas salas que hoje se vêem nas traseiras do edifício, como aquela sala coberta e ensombrada por uma pérgola e outras salas, a nascente, que parece terem ficado reservadas ao feitor (*villicus*). Identificaram-se também os muros da humilde residência de alguns criados domésticos.

Das termas, remodeladas na fase seguinte, definiram-se o frigidário, o tepidário e o caldário; os alicerces de um grande corpo, rematado em abside, com poderosos muros contrafortados que se observa a sul delas deve ter sido previsto na última remodelação como sala de recepção, mas não chegou nunca a construir-se acima das fundações.

O *dominus* de meados do séc. IV procedeu a uma alteração completa do modelo arquitetural antigo e, certamente apoiado num arquiteto de génio, adoptou o modelo das *villae* áulicas.

Mesmo que parcialmente implantada sobre os muros e fundações das antigas construções, mesmo que as termas da *villa* precedente continuam activas, o novo modelo arquitetural, de dois pisos, anuncia uma revolução ideológica. Como observou Robert Étienne” *Ouverte sur le domaine par ses façades, elle exalte la fonction dominatrice du maître sur ses terres surveillées depuis l’étage, le “piano nobile”, et sa volonté de rentabilité contrôlée en abritant au rez-de-chaussée, récoltes et réserves. Mais il ne sacrifie pas seulement à la volonté de puissance et à l’ostentation: sa culture éclate dans l’adoption d’un plan théâtral pour les grandes façades, occidentale et orientale (fig. 5)”*.

A casa do proprietário é enquadrada por dois corpos com robustos contrafortes que se ligam por meio de arcadas e a fachada principal era acessível por três pequenas escadas que levavam a um patamar fronteiro descoberto executado como uma cena de teatro, onde se fazia a recepção dos visitantes e, daí, através de uma porta, aberta ao centro, se acedia ao edifício.

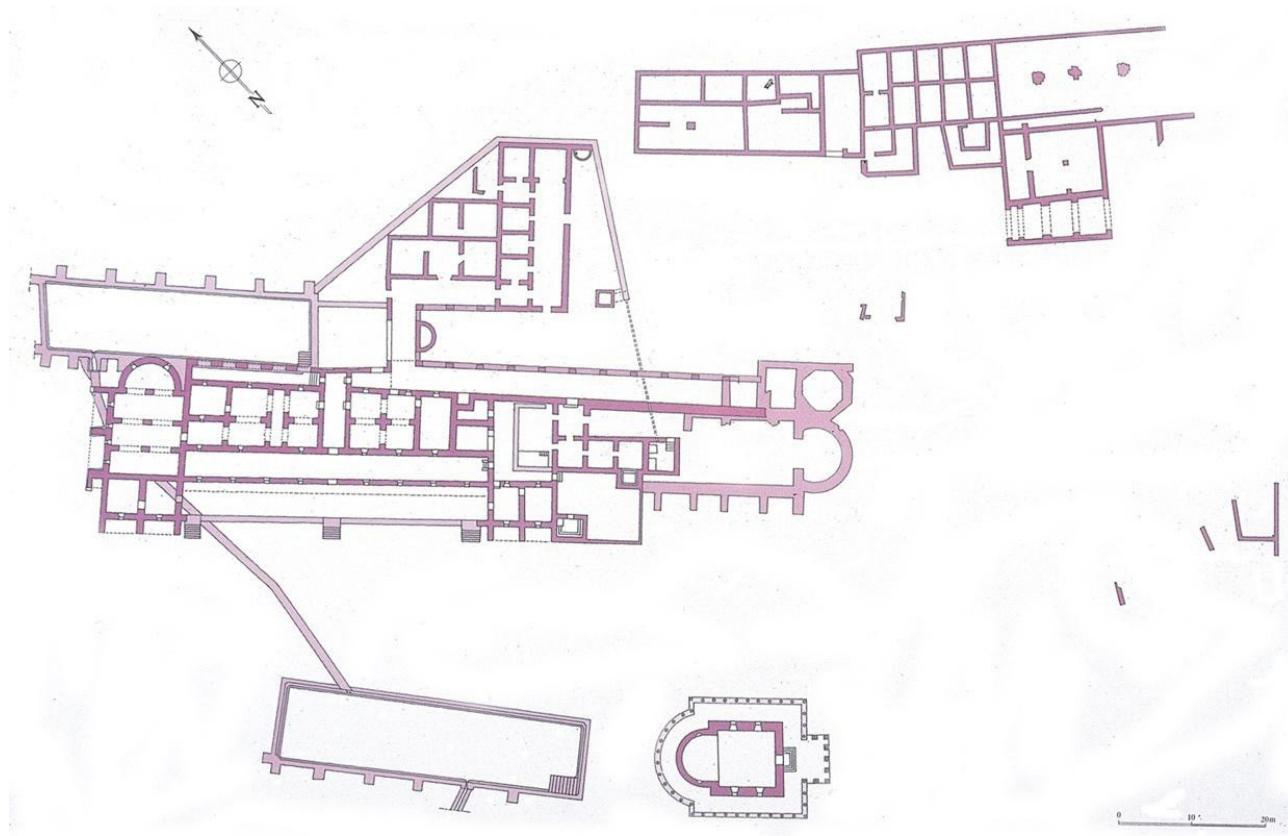


Fig. 4 Planta da *villa* III, séc.IV d.C

O rés-de-chão, é uma imensa galeria abobadada, que seria usada para armazenamento de produtos e o primeiro andar, o piso nobre da casa, do qual restam as escadas de acesso, seria a área residencial do proprietário. A repartição dos espaços no rés-de-chão obedece, sem dúvida, ao gosto teatral que levou o arquiteto a traçar um plano majestoso regido por eixos de simetria e ritmos ternários, mas também aos imperativos da construção do primeiro andar e da disposição das salas nobres.

Uma varanda comprida, guarnecida de madeira, corria ao longo da fachada e ao nível do piso superior. Uma outra varanda, sustentada em arcos de volta inteira, acompanhando o grande tanque que armazenava e distribuía a água trazida por um

aqueduto, permitia uma vista de toda a paisagem a norte e oeste.

Os métodos de construção também contribuíram para a revolução arquitetónica do Baixo Império.

Os arcos de descarga, judiciosamente distribuídos, ajudaram a desenhar as portas e as janelas de andar do rés do chão. Consoante a sua finalidade, as portas são mais ou menos estreitas, com uma ou duas bandas, como a porta de acesso à escada do andar superior. As soleiras e os lintéis foram realizados em mármore local, de Trigaches, tal como os pedestais e os tímpanos das janelas de sótão. As suas dimensões permitiram-nos distinguir as clarabóias de ventilação, que são mais estreitas do que as clarabóias de iluminação: as clarabóias de



Fig. 5 Frontaria da casa

iluminação são quadradas e são encimadas por um arco em relevo.

O aparelho de construção, alternando faixas de tijolo e com camadas de pedra.

O arquiteto utilizou sobretudo o tijolo para as arcaturas exteriores, bem como para os arcos e abóbadas interiores; para os construir, utilizou arcos de madeira com arcos de alça de cesto mais ou menos pronunciados. Como a cofragem foi particularmente cuidada e sólida, o arquiteto pôde lançar com extrema precisão as abóbadas que suportam o piso superior a 5,10 metros de altura e que, assentes em fundações cuidadas, garantem a solidez de um edifício que desafiou os séculos.

Da parte *frumentaria* e *rustica* conservam-se, a nascente, cavalaria, eira, lagar (cujos pesos se mantêm *in situ*), armazéns, e outros espaços de imprecisa utilização e as instalações dos criados

da lavoura, livres e/ou escravos, cujas casas, de uma divisão apenas, têm cada uma sua lareira.

Um templo, situado em posição apartada da residência, a cerca de 50 m de distância da mansão, no sentido sudoeste, fazia parte do complexo construído.

O templo onde o mestre e a sua família prestavam homenagem às divindades pagãs, segue as orientações gerais da *villa* do séc. IV e obedece às estruturas arquitectónicas da mesma. De planta sensivelmente quadrada, o edifício apresenta um perímetro em torno da *cella*, proporcionando um corredor periférico de circulação. Enquadra-se numa tipologia bem conhecida na Lusitânia de templos rurais, precedidos de um alpendre-pro-naos. A *cella* é quase quadrada, com 7,60 metros de lado, e termina numa abside a norte, coberta por uma meia cúpula. Dois nichos na parede da abside sugerem a presença de duas divindades: Liber e Libera, por exemplo.



Fig. 6 Templo @MC. Lopes

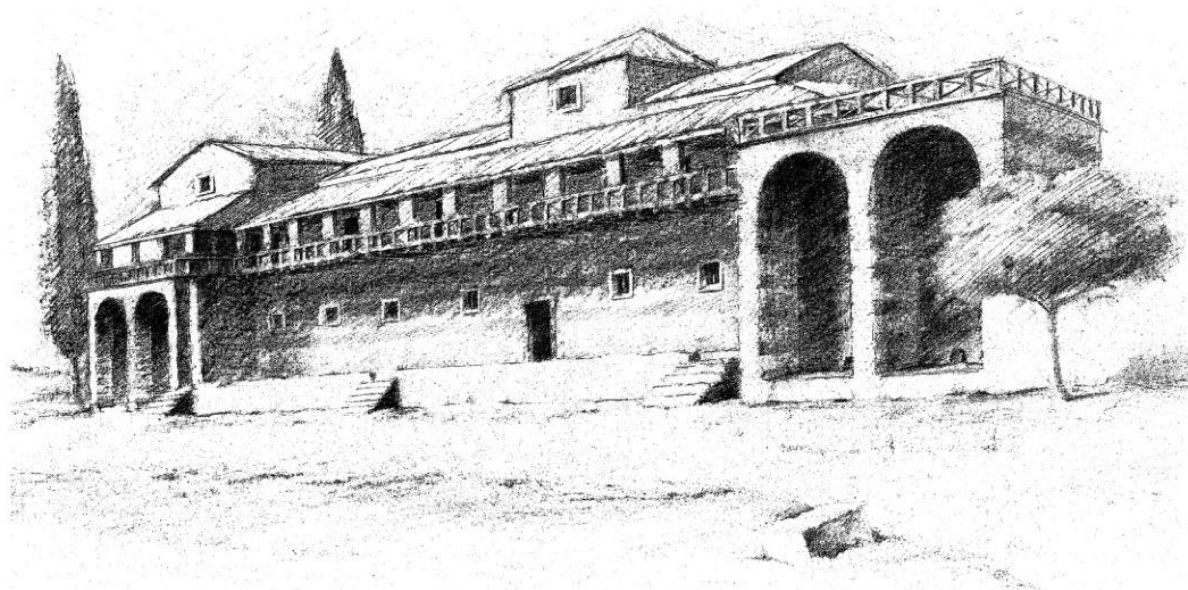
Tal como sucede com a mansão do século IV, foi construído segundo um aparelho com núcleo de cimento, com revestimento em pedra natural e tijolos em fiadas.

Através de sucessivas revoluções arquitectónicas, sempre no sentido de ampliação do construído, os proprietários mantiveram funcionais as instalações do domínio agrícola. De um complexo de 2.200 de área da *villa* I passando para 15.400 metros quadrados, ou seja, sete vezes mais, para a *villa* II e culminando em 20.400 metros quadrados, ou seja, um terço mais na *villa* III, os proprietários foram, ao longo de quatro séculos dando expressão à evolução dos sietmas agrários romanos. Se considerarmos apenas a área habitacional do proprietário: 540 metros quadrados para a *villa* I, 1.540 para a *villa* II e 3.460 para a *villa*

III (incluindo rés do chão e andar superior), torna-se evidente a evolução da grandeza da riqueza do proprietário desta *villa*.

Abandonado nos finais do séc. V, o edifício veio a servir para aí se instalar, em data precisa que desconhecemos da Alta Idade Média, um mosteiro consagrado a S. Cucufate. A primeira igreja do mosteiro, com sua cabeceira em arco quase de ferradura, vê-se ao lado da sala que serviu de *triclinium* à segunda *villa* e de espaço para refeições ao ar livre na *villa* palaciana.

Não há evidências objectivas que permitam afiançar a sua ocupação durante o período islâmico. É, todavia, claro que esteve abandonado no período das guerras entre Muçulmanos e Cristãos pela posse de Beja, e que o mosteiro viria a ser



R. Bourquin, 1988

Fig. 7 A residência da *villa* III, no final sec. IV @equipa Luso-Francesa

restaurado em 1255 e entregue, com consentimento do rei D. Afonso III e D. Martinho (bispo de Évora) aos cónegos de S. Vicente de Fora de Lisboa.

Aproveitou-se então para igreja o espaço absidiado do topo norte da *villa* palaciana, que foi decorado com pinturas murais renovadas em várias épocas.

Os frescos pintados durante a permanência dos frades são contributos fundamentais para a história do mosteiro. A primeira pintura mural, localizada no antigo presbitério, data dos finais do século XIV e exhibe, presumivelmente, o padroeiro São Cucufate ladeado por duas Santas Mártires.

O fresco mais antigo do templo parece representar São Cucufate rodeado por duas outras santas.

Do século XV ou nos inícios do século XVI, embora o seu estado se encontre já muito degradado, pode ainda identificar-se uma modesta imagem que representa, num dos alicerces dos arcos, a Virgem com o menino ao colo.

Tal como o anterior, este fresco não tem autor conhecido.

No século XVI a estatueta de São Cucufate é deslocada para a Igreja Matriz de Vila de Frades, e o mosteiro consagrado a São Cucufate passa a acolher uma Capela dedicada a São Tiago Maior. Por falta de informação será impossível comprovar se a alteração de culto, que foi acompanhada com a pintura da espada de Santiago na parte central da abóbada, terá alguma relação com o facto de Vasco da Gama, o navegador que chegou à Índia em 1498,

ter obtido, em 1519, o senhorio de Vila de Frades e Vidigueira e o título de Conde da Vidigueira ser cavaleiro da Ordem Militar de Santiago.

São deste período a maioria das pinturas que ornamentam o lugar de culto. José de Escovar, um pintor provavelmente de origem espanhola e residente em Évora, é o autor do retábulo fingido que ilustra São Tiago Maior e São Bartolomeu. Em cima, ainda se pode visualizar o fresco do Baptismo de Jesus Cristo por São João Baptista.

Os anjos, os símbolos solares, os santos do hagiólogo que revestem o corpo da nave e da cobertura abobadada da Capela/Ermida de São Tiago, datarão já do séc. XVII. No início do século XVIII, realizaram-se ainda algumas pinturas na zona do

templo constituída pelo espaço entre a entrada e os primeiros arcos, nas paredes e na cobertura.

Em 1723 faleceu o derradeiro ermitão que habitou os casarões e até à chegada dos arqueólogos, as portas da *villa* de S. Cucufate estiveram fechadas.

S. Cucufate é um topónimo que relaciona o sítio com o culto do santo mártir, oriundo da cidade de *Cillium*, a colónia romana cililana, que os romanos fundaram na região centro-oeste da Tunísia, cidade que hoje tem o nome de Kasserine.

Cucufate, depois de passar por Cesareia, disfarçado de comerciante, deslocou-se para Barcelona, onde, num contexto de perseguição aos cristãos por parte dos imperadores Diocleciano e

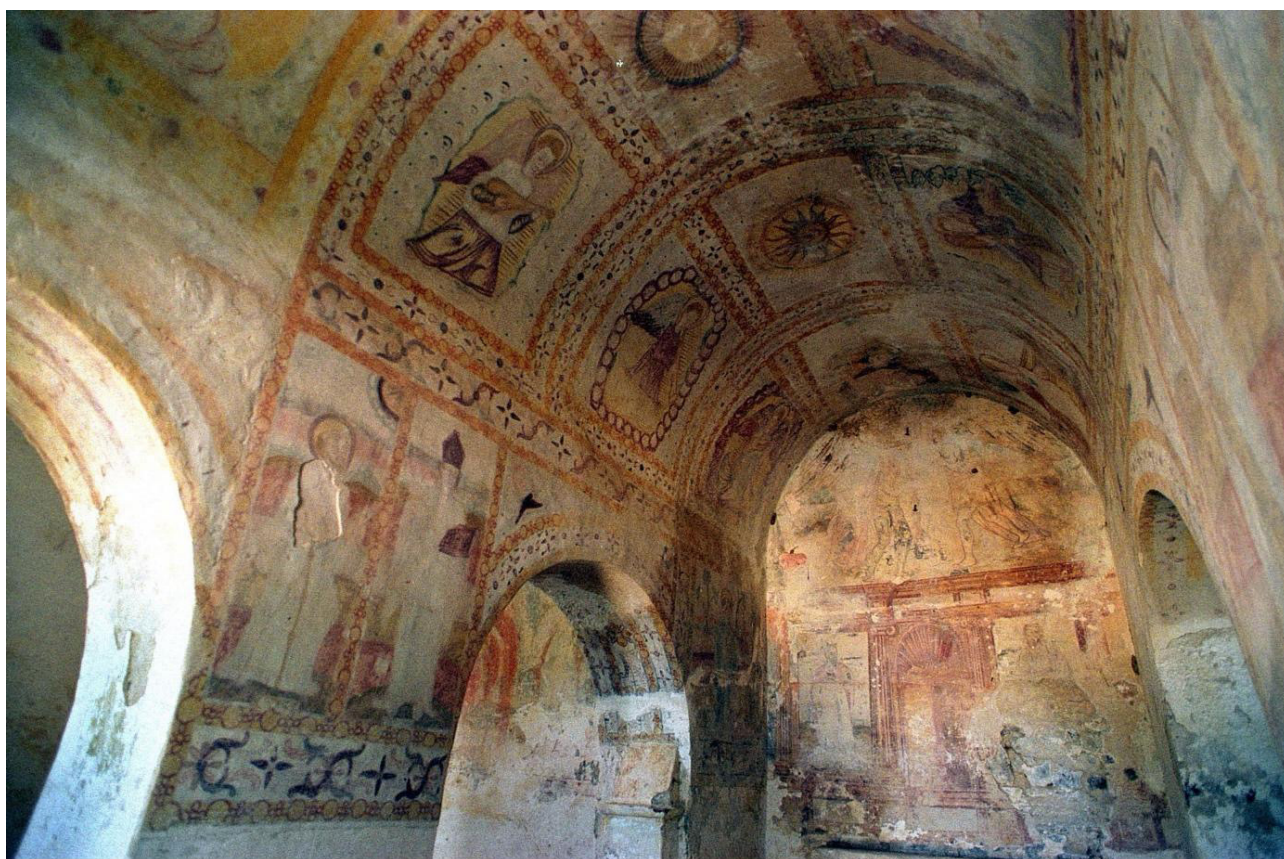


Fig. 8 Pinturas em S. Cucufate. @MC.Lopes

Maximiano, pregou a fé cristã e por essa razão foi aí martirizado, em 304.

O culto a São Cucufate, na Península Ibérica teve reduzida difusão e, salvo um vago testemunho de Prudêncio [*Peristephanon*, 4, 33-34], não se conhece outra evidência indiscutível para a devoção a Cucufate anterior ao século VII é conhecida. O actual mosteiro de Sant Cugat del Vallès, implantado no local a que as fontes medievais chamam *Octavianum*, e a desaparecida igreja de Sant Cugat del Rec são locais associados com o local onde, em Barcelona, ocorreu martírio e se fez o sepulcro de Cucufate. Não há, todavia, nenhuma certeza do local onde terá sido morto e enterrado.

S. Cucufate poderá ter sido um dos primeiros locais onde se organizou o culto ao mártir hispânico e para onde poderão ter sido trazidas relíquias. Não foram, todavia, encontrados vestígios dessa eventualidade.

A arqueologia da *villa* romana pretendeu compreender o processo que trouxe até ao presente a memória e os vestígios de uma *villa* romana, na qual, em certo momento da Alta Idade Média, se cultuou S. Cucufate.

Em Agosto de 1979, iniciavam-se as escavações na *villa* romana de S. Cucufate. A organização técnica e científica do projecto de trabalhos, a colaboração internacional, o envolvimento de estudantes e de gentes do concelho haveria de trazer para a



Fig. 9 Equipa Luso-Francesa, 1981 @Françoise Mayet

arqueologia portuguesa um dos mais importantes sítios arqueológicos de Portugal e a mais bem conservada *villa* romana na Lusitânia. Testemunho evidente da actividade agrícola em época romana, a sua ocupação como mosteiro na Idade Média e, depois, ainda no século XVIII, como ermitério, os casarões de S. Tiago, como na toponímia local se identificam as instalações do proprietário rural do século IV d. C, marcaram a história antiga e a economia da região e, por no resgate de seus vestígios se terem envolvido tantas gentes, pontuou a história cultural recente do concelho de Vidigueira.

Publicados em livro, em francês, os resultados dos trabalhos arqueológicos realizados pela equipa Luso-Francesa na *villa* romana de S. Cucufate assumiu, todavia, uma comunicação em língua mista: aquela que a cada verão colocava em contacto várias dezenas de alunos, franceses e portugueses, e outros tantos trabalhadores vindos das aldeias do concelho, cada um usando a melhor expressão para se entender. O diálogo que todos os dias se construía tinha o seu resumo e tradução na Adiafa: a Adiafa era o momento que concluía e eternizava a comunhão dos envolvidos, sempre celebrada pelos grupos de cantares que eram convidados para a reunião. Encontro marcado na adega, onde o vinho da talha, o pão, o queijo, os enchidos, o presunto e as azeitonas aplainavam as vozes que aos poucos se soltavam pelo tempo da planície.

S. Cucufate é um ícone da planície, e uma imagem das estruturas agro-pecuárias pré capitalistas, onde os homens e as mulheres que nela trabalharam,

de sol a sol, escravizados, ou livres, em situação de pobreza, são imortalizados na polifonia do cante.

A *villa* romana de S. Cucufate é um património rural sem equivalente estado de conservação. É um património que celebra a conjugação da ciência académica com a ciência da vida; associa a academia com o poder municipal; é uma memória que organiza o trabalho conjunto e partilhado para alcançar o conhecimento como um bem maior.

A *villa* romana de S. Cucufate é um bem arqueológico e patrimonial ímpar, que importa dar a conhecer melhor ao mundo, e um bem cultural imprescindível que, por ser impensado, alcançou o passado com a armadura da partilha no presente.

S. Cucufate é um sítio arqueológico sem paralelo. O abandono e o descaso a que tem sido votado são reflexo de que o tempo presente e as instituições desconsideram o seu carácter excepcional como objecto de estudo e como espaço de reflexão sobre as relações das sociedades com o seu espaço, entendido como meio ambiente e paisagem.

Propriedade agro-pastoril que evolui de uma pequena parcela para um *latifundium*, S. Cucufate é uma forma pontual importante para conhecer a construção paisagística e espacial da *civitas* de *Pax Iulia*, no quadro de modalidade espaciotemporais que a morfologia dinâmica e a arqueologia disponibilizam e que permitem articular formas, modelados e funções numa interação dinâmica dos elementos físicos e sociais.

Contexto excepcional para estudar as dinâmicas de transmissão S. Cucufate existe para nos lembrar que é necessário um reexame das prioridades e das hierarquias dos valores que o presente, profundamente inspirado em modelos capitalistas, difunde e, por tal, *uma vez que a sociedade e a prática científica já não concordam que as paisagens patrimoniais devam ser identificadas e tratadas de forma diferente das paisagens comuns, é tempo de mudar a teoria da paisagem para uma que responda a esta nova ordem.* (Chouquer, 2002: 352).

Por *villa* deve entender-se o indissociável binómio, edifícios e *fundus*. É pouco razoável aceitar que se valorize superlativamente o elemento construído da composição e que se classifiquem estes estabelecimentos com base em critérios que incidam apenas na configuração dos edifícios. As coisas incrementam a tendência para ignorar os povoadores, humanos e animais, ou a caracterizar a sua expressão apenas por meio de artificializações ou representações.

S. Cucufate é um empreendimento de sistemáticos momentos de renovação, que a Arqueologia identifica como testemunhos da *evolução própria do habitat rural que está naturalmente sujeita aos estímulos positivos, regressivos ou estacionários do contexto histórico e, nessa medida, resulta da história das relações sociais, dos movimentos económicos, políticos e demográficos em que se integra mas, e porque se trata de estruturas rurais, grandemente dependentes do meio físico, o impacte e condições do contexto ambiental.*

Os trabalhos arqueológicos de S. Cucufate incluíram um intenso trabalho de contextualização da

villa no seu ambiente sitológico e situacional e na relação com outras estruturas romanas do mesmo tipo, de modo a que fosse possível avaliar o processo de evolução de S. Cucufate no quadro de uma rede ecohumana funcional do mundo agrário na *civitas* de *Pax Iulia*, na qual se enquadrava (Mantas, 1986).

Porém, como memória conservada de um processo de ocupação/trabalho dos campos, as ruínas de S. Cucufate disponibilizam um complexo cenário que, fora de um modelo analítico de palimpsesto (que organiza os processos em gavetas com elementos periodizados), a leitura do processo dinâmico das formas, dos edifícios ou da terra, permite a descodificação da evolução das paisagens agrárias alentejanas, na longa duração, visitadas como um colectivo com bordos fluídos, ultrapassando a sua construção como espaços de representação e apreendê-las como espaços onde transmissão e transformação se conjugam como “garantia” de continuidade. Esta visão da paisagem, exige ao presente um reexame constante dos valores, o que implica que mantenhamos presente o som que da terra saiu e saí ainda, cada vez que nos juntávamos para a dar início à Adiafa, que mais não é que o momento de finda uma jornada se tecem os fios para uma outra: com a voz de todos nós.

A realização do Antropocênica na cena da *villa* de S. Cucufate não pretendeu ser uma revivificação dos momentos de recepção do *dominus* aos seus convidados do tempo romano, não foi, em circunstância alguma uma apropriação da ruína para fazer uma recontextualização colada a novos conceitos sobre mundos urbano e rural e encaixar



Fig. 10 O espaço tempo da paisagem agrícola

fragmentos territoriais em englobantes visões do presente.

Também não foi determinada pela procura de conceitos abrangentes e ecléticos que estejam adaptados à complexidade do discurso atual sobre a saúde do planeta, nem ao debate sobre sistemas territoriais ou complexos geográficos, visando encaixar novas abordagens.

S. Cucufate oferta a tessitura e a profundidade espacial que permite entender as múltiplas e imbricadas escalas espaciotemporais onde tudo pode acontecer de forma mais proporcionada, com mais ecologia e mais cultura, mais arte e mais técnica. São Cucufate é a ruína que resta de um processo dinâmico que a história dos acontecimentos não alcança, que o conceito

hipertrofiado de *villa* esconde; porque aqui se plasman acontecimentos com estrutura, se encontram tempos de construção que continuam na própria ruína domesticada pelo gosto do presente.

S. Cucufate, com o seu museu em Vila de Frades (ao que parece fechado e abandonado por quem deveria zelar pela sua manutenção, a Direção Regional da Cultura do Alentejo), emprestaram ao debate da Antropocência uma paisagens sonora que ecoou num diálogo sobre o tanto que as ruínas povoam o nosso quotidiano e, nesse diálogo, num tempo nomeado de novo, emergiu o poema velho de Castro Alves, *Vozes d'África*, datado de 1876, para nos posicionar a importância de assegurar que a memória não se arruína no devir do tempo.



Fig. 11 O domínio do senhor Giulio representado num mosaico proveniente de uma *villa* próxima a Cartago, datado do séc. IV d. C, exposto Museu do Bardo, Túnis, Tunísia, representa o modelo de casa de S. Cucufate

(...)

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?

Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes

Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito,

Que embalde desde então corre o infinito...

Onde estás, Senhor Deus?...

Castro Alves, *Vozes d'África*, 1868

Nas temáticas que o discurso fraturante proposto pelo projecto Antropocência emergiu, ainda, e sobretudo, um discurso de clarividente e excelente

qualidade artística, para o qual nos desafiou a artista Uruguaia, Alejandra González Soca, em 2016, com uma intervenção artística intitulada *Fragmentos de Um pequeno Mundo* e, em 2019, na celebração do 40.º aniversário do início dos trabalhos de investigação em S. Cucufate, com uma instalação intitulada *INTEMPORAL – Estratégias para habitar um monumento*, para nos lembrar que o passado e as ruínas nos interpelam a cada momento sobre o que somos e o que queremos ser num mundo em corropio constante. Nos desafiam a Escutar o chão como nos propôs Jorge de Alarcão ou nos fez ouvir Tiago Pereira².

² Voz do Alentejo - "São Cucufate de António Pilrito": <https://www.youtube.com/watch?v=UegTGOCUjqY>



Fig. 12 Fragmentos de um pequeno Mundo. Intervenção artística de Alejandra González Soca nas ruínas de S. Cucufate 2016. @MCLopes



Fig. 13 Fragmentos de um pequeno Mundo . Intervenção artística de Alejandra González Soca nas ruínas de S. Cucufate 2016. @MCLopes



Fig. 14 INTEMPORAL- estratégias para habitar um monumento Intervenção artística de Alejandra Gonzálzes Soca nas ruínas de S. Cucufate 2019. @MCLopes



Fig. 15 INTEMPORAL- estratégias para habitar um monumento Intervenção artística de Alejandra González Soca nas ruínas de S. Cucufate 2019. @MCLopes



Fig. 16 Missa celebrada nas ruínas de em S. Cucufate , 25 Julho, 2019

Bibliografia

- ALARCÃO, J., ÉTIENNE; MAYET, F; (avec la collaboration de J.-P. Bost, G. Charpentier, V. Mantas, I. Pereira et P. Sillières) (1990). *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*, Paris, Diffusion de Boccard, un volume de texte et un volume de planches, Paris.
- ALARCÃO, J.; ETIENNE, R.; MAYET, F. (1990). *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal)*. Paris: De Boccard.
- ALARCÃO, Jorge (1998). *Roteiros da Arqueologia Portuguesa – S. Cucufate* (5). Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa.
- CARDOSO, Jorge (1657). *Agiologio Luzitano dos Sanctos e Varoens Illustres em virtude do Reino de Portugal e suas conquistas*. Tomo II. Lisboa.
- CHOUQUER, Gerard (2001). Nature, environnement et paysage au carrefour des théories. *Études rurales*, 157-158|, 235-252.
- CUNNINGHAM, M. P. (1966). *Prudentius Carmina*, *Corpus Christianorum Series Latina* 167, Turnhout.
- DESCOLA, P. (2000). L'anthropologie et la question de la nature, in M. Abélès, L. Charles, H.-P. Jeudy et B. Kalaora, *L'environnement en perspective. Contextes et représentations de l'environnement*. Paris, L'Harmattan, 61-83
- LOPES, Maria Conceição, (2003). *A cidade Romana de Beja. Percursos e debates acerca da civitas de Pax Iulia*. 2 vols., IAFLUC, 2003, Coimbra. ISBN: 972-9004-16-16
- MANTAS, V. G., (1986). Implantação Rural Romana em torno da *Villa* de S. Cucufate (Vidigueira), 1^o Encontro de Arqueologia da Região de Beja (Beja, 1986) *Arquivo de Beja*, 2^asérie, 3, p. 199-214.
- MAYET; Françoise (edit) (2006). *Les villas romaines de São Cucufate (Portugal), Itineraria Hispanica - Recueil d'articles de Robert Etienne. 4^epartie*. Archéologie, p 439-452
- MOURA, Abel; CABRITA, Teresa; SERRÃO, Vítor (1989). *As Pinturas Murais do Santuário de São Cucufate*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.
- TOMÁS, Frei Leão de S. (1644). *Benedictina Lusitana*. Tomo I. Coimbra.